

A metalingüística: por uma ciência dialógica da linguagem¹

Sheila Vieira de Camargo Grillo*

Resumo

O objetivo deste artigo é mostrar que Bakhtin formulou, nos textos de sua última fase, uma disciplina de estudo da linguagem, a metalingüística, que tem por objeto as relações dialógicas e a palavra bivocal. Essas relações são de natureza axiológico-semântica, ocorrem entre enunciados e também no interior de um mesmo enunciado. As noções envolvidas neste projeto, bem como o campo de fenômenos a estudar, constituem uma síntese e um aprofundamento de trabalhos elaborados pelos membros do círculo, desde a década de 20, momento no qual o contexto acadêmico soviético era desfavorável à proposição de uma ciência dialógica da linguagem e mais propício a uma filosofia marxista. Apesar de a proposição de uma ciência dialógica da linguagem ter suas origens nos estudos de obras literárias, o projeto da metalingüística contempla um conjunto de fenômenos que não se restringem aos enunciados da esfera literária.

Palavras-chave: Círculo de Bakhtin; Metalingüística; Relações dialógicas.

The metalinguistics: toward of a dialogic science of language

Abstract

The aim of this article is to show that Bakhtin has formulated, in the texts of his last phase, a language study, named metalinguistics, that has as object the dialogic relationships and the double-voice discourse. These relationships have an axiological-semantic nature, occur between utterances and also inside of them. The notions involved in this project as the champ of phenomenes to study are a synthesis and a development of the works elaborated by the circle's members, since the twenties, when the sovietic academic context was not positive for a dialogic science of language and more receptive to a marxist philosophie. Although the proposition of a dialogic science of language has its origins in the study of the literary works, the project of a metalinguistics contemplates a collection of phenomenes that are not restricted to the literary sphere.

Keywords: Bakhtin's circle; Metalinguistics; Dialogic relationships.

Introdução

A única forma adequada de expressão verbal da autêntica vida do homem é o diálogo inconcluso. A vida é dialógica por natureza.

Mikhail Bakhtin

As noções desenvolvidas por Bakhtin e seu círculo têm sido incorporadas, de forma subsidiária, por diversas tendências de estudo do discurso, do texto e do enunciado, sobretudo sob a forma de um conjunto de conceitos operatórios, às quais se articulam categorias descritivas produzidas em outras disciplinas. Sem negar a possibilidade de articulação da teoria do círculo com outras vertentes de estudo, o objetivo deste artigo é mostrar que Bakhtin formulou, nos textos de sua última fase, uma disciplina de estudo da linguagem com objeto próprio, método de análise e o esboço de um conjunto de fenômenos a pesquisar. Nesse intuito, procederemos ao tratamento dos textos do círculo em perspectiva histórica e lançaremos mão de informações sobre o seu contexto de produção, presentes na literatura de

estudiosos da obra do círculo.

A metalingüística como estudo das relações dialógicas

Encontramos entre os textos bakhtinianos dos anos 50, 60 e 70 o projeto de fundar um programa de pesquisa sobre os aspectos da linguagem não tratados pela lingüística saussureana de sua época. Esse programa começa a se desenvolver, como já foi mostrado por Lähteenmäki (2005), a partir do texto "Os gêneros do discurso" (1952-1953), no qual Bakhtin estabelece uma distinção entre a oração, enquanto unidade da língua, e o enunciado, que é uma unidade da interação ou da comunicação verbal. De fato, o autor propõe uma abordagem complementar das duas unidades: "Além do mais, o estudo do enunciado como *unidade real da comunicação discursiva* permitirá compreender de modo mais correto também a natureza das unidades da língua (enquanto sistema) – as palavras e orações." (1952-1953/2003a, p. 269).

Essa distinção está na base do esboço de um programa de pesquisa que, segundo Souza (2002), aparece

* Endereço para correspondência:

Al. Fernão Cardim, 173 – apto. 11 – Jd. Paulista – 01403-020 – São Paulo-SP
E-mail: sheilagrillo@uol.com.br

nomeado, pela primeira vez, no texto de arquivo “O problema do texto”. A metalingüística, enquanto disciplina diversa da lingüística, tem objeto e método próprio para abordá-lo. O objeto são as relações dialógicas: “enunciados confrontados entre si, entra em um tipo especial de relações semânticas que chamamos de dialógicas” (1959-1961/2003b, 324). O sentido aparece sempre como produzido no diálogo, ou, em outros termos, a relação dialógica é uma relação semântica. Bakhtin postula que o sentido do enunciado é o objeto de interesse de todas as ciências humanas: “estamos interessados na especificidade do pensamento das ciências humanas, voltado para pensamentos, sentidos e significados dos outros, etc., realizados e dados ao pesquisador apenas sob a forma de *texto*.” (1959-1961/2003b, p. 308). Mais à frente, Bakhtin associa o estudo do homem à sua expressão semiótica e à interpretação ou compreensão do seu significado. Na seqüência, aparece a metalingüística enquanto estudo das relações dialógicas entre os enunciados e no seu interior:

Estamos interessados primordialmente nas formas concretas dos textos e nas condições concretas da vida dos textos, na sua inter-relação e interação.

As relações dialógicas entre os enunciados, que atravessam por dentro também enunciados isolados, pertencem à metalingüística.² Diferem radicalmente de todas as eventuais relações lingüísticas dos elementos tanto no sistema da língua quanto em um enunciado isolado. (1959-1961/2003b, p. 319-320)

Portanto, as relações dialógicas se definem por uma série de traços dos quais enumeramos os que julgamos primordiais:

- 1) Conforme já mencionado, as relações dialógicas são de natureza semântica.
- 2) As relações dialógicas ocorrem entre enunciados concretos: “É o novo tipo de relações semânticas, cujos membros só podem ser enunciados integrais” (1959-1961/2003b, p. 330).
- 3) Por trás dos textos-enunciados estão sujeitos concretos, integrais, responsivos, inconclusos e inacabados, os quais só podem ser compreendidos por meio do diálogo e não explicados como na relação pessoa e objeto. As relações dialógicas são, portanto, relações pessoais, isto é, “vínculos semânticos personificados”: “O texto só tem vida contactando com outro texto (contexto)[...] Por trás desse contato está o contato entre indivíduos e não entre coisas (no limite)” (1970-1971/2003, p. 401).

4) As relações dialógicas no enunciado pressupõem ainda um supradestinatário entendido como “instância superior de compreensão responsiva que possa deslocar-se em diferentes sentidos” (1959-1961/2003a, p. 333). Essa instância garante que todo enunciado busca uma resposta que ultrapassa o destinatário imediato e previsto.

5) A produção/recepção do enunciado tem uma dimensão valorativa: “O enunciado pleno [...] não tem significado mas sentido. (Isto é, um sentido pleno, relacionado com o valor – com a verdade, a beleza, etc. – e que requer uma compreensão responsiva que inclui em si o juízo de valor)” (1959-1961/2003b, p. 332).

Esses elementos constitutivos indicam que a nova disciplina é uma semântica do texto enquanto enunciado.³ O seu método de investigação também é de natureza dialógica, constituído pelo diálogo entre o sujeito-pesquisador e o sujeito-autor do texto estudado. “Por toda parte há o texto real ou eventual e a sua compreensão. A investigação se torna interrogação e conversa, isto é, diálogo” (1959/1961/2003b, p. 319). Identificamos uma maior caracterização do método de abordagem da metalingüística na análise da obra de Dostoiévski - “o homem em Dostoiévski é o *sujeito do apelo*. Não se pode falar sobre ele, pode-se apenas dirigir-se a ele” (1963/1997, p. 256) – passemos, portanto, à sua descrição.

Metalingüística e privilégio da palavra bivocal

Esse projeto é retomado em 1963, na segunda edição do livro sobre Dostoiévski, intitulado *Problemas da poética de Dostoiévski*, no qual Bakhtin, segundo nos informa Bezerra (2003), reescreveu amplamente o quarto capítulo, a fim de introduzir temas da poética histórica e das tradições do gênero, e o último capítulo, “O discurso em Dostoiévski”, no qual o programa da metalingüística aparece de forma mais organizada. O aprofundamento de questões sobre a tradição dos gêneros coaduna-se com o que postulamos anteriormente a respeito do papel do texto “O problema dos gêneros do discurso”, no qual se dá início à sistematização do projeto da metalingüística. Parece-nos que se trata do acabamento de um percurso de pesquisa em grupo que começou nos anos vinte. A epistemologia de uma metalingüística funda-se sobre três aspectos: a complementaridade em relação à lingüística de sua época, a delimitação de um objeto de pesquisa e a proposição de um campo de fenômenos a estudar.

A exposição do projeto de uma metalingüística é feita na oposição complementar com a lingüística da língua. Primeiramente, Bakhtin demonstra, ao mesmo tempo, uma consciência da metodologia de obtenção de dados da lingüística e um respeito por seu projeto de pesquisa: “a língua como objeto específico da lingüística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso” (1963/1997, p. 181). O domínio de exercício da lingüística é a língua desconectada das enunciações singulares e particulares. A este respeito, Milner demonstra que a lingüística e a gramática se interessam pelas propriedades da linguagem que permanecem intactas, quando um enunciado é desconectado das condições singulares de sua enunciação. Em seguida, lingüística e metalingüística são apresentadas como estudando o mesmo fenômeno, o discurso, sob diferentes ângulos. Apesar dessa proximidade, Bakhtin nos adverte que os dois domínios não devem se confundir. Enfim, a metalingüística se interessa pelos fenômenos de diálogo que, mesmo pertencendo ao domínio da língua, não se restringem a ela, pois são de natureza extralingüística.

O projeto de fundar a metalingüística compreende a delimitação de seu objeto de estudo: “As relações dialógicas (inclusive as relações dialógicas do falante com sua própria fala) são objetos da metalingüística” (1963/1997, p. 182). Nessa circunscrição, Bakhtin admite a possibilidade de um enfoque dialógico em linguagens não-verbais, mas adverte que essas relações estão fora dos limites da metalingüística: “as relações dialógicas são possíveis entre imagens de outras artes, mas essas relações ultrapassam os limites da metalingüística.” (1963/1997, p. 184)

Podemos conhecer as origens da teoria do diálogo na Rússia nos artigos de Alpanov (2004) e, sobretudo, de Ivanova (2003). Por um lado, Ivanova defende que Volochinov – a quem ela atribui a autoria do livro *Marxismo e filosofia da linguagem* – foi influenciado pelo lingüista russo Lev Jakubinskij, que escreveu o artigo “Sobre a fala dialogal”, publicado em 1923. Esse artigo, ao lançar as bases de uma teoria do diálogo, será retomado por Volochinov, que acentua o aspecto sociológico da interação verbal. Por outro lado, Ivanova demonstra a relação entre a fala dialogal e o contexto acadêmico soviético dos anos 20. Os estudos da lingüística histórico-comparativa deram lugar ao

interesse por uma língua viva, pela utilização da língua, e a criatividade da linguagem fez nascer pesquisas de novos objetos para a lingüística. O

Horizontes, v. 24, n. 2, p. 121-128, jul./dez. 2006

desenvolvimento de novas ciências – da poética e da pragmática –, a penetração da filosofia marxista e da sociologia transformou o paradigma das ciências humanas. (p. 179)

O diálogo é bem a noção de base de todas as categorias de Bakhtin e de seu círculo desde os anos 20. Ele é a condição do sentido que se produz por meio da compreensão responsiva, isto é, não há sentido fora da inter-subjetividade e das relações dialógicas:

Um sentido atual não pertence a um (só) sentido mas tão-somente a dois sentidos que se encontraram e se contataram. Não pode haver “sentido em si” – ele só existe para outro sentido, isto só, só existe com ele. (1970-1971/2003d, p. 382)

Nessa via, compreendemos que Bakhtin e seu círculo não constroem uma teoria do sujeito, mas preferencialmente relações entre interlocutores, que estão na base da formação da identidade pessoal sempre em reconfiguração. Grübel (2005) sintetiza essas idéias da seguinte maneira:

Enquanto que a teoria da ação comunicacional de Habermas visa ainda a um consenso sobre o qual podem se acordar os homens de bom senso, a teoria do dialogismo de Bakhtin parte do princípio que as posições ideológicas daqueles que tomam parte no discurso são autônomas e só se prestam a uma mediação inter-subjetiva na ação comunicativa em si. A posição do eu se constitui como posição através do outro, que só acede de seu lado ao acabamento através do eu que fala. (p. 107)

As relações dialógicas, enquanto objeto da metalingüística, manifestam-se entre os enunciados e no seu interior. Em resumo, todos os aspectos constitutivos do enunciado são de natureza dialógica. Suas fronteiras se definem pela alternância de sujeitos falantes, antes há os enunciados fonte e depois os enunciados resposta. Por um lado, o enunciado tem um contato imediato com os enunciados alheios: ele é estabelecido nos laços dialógicos – de reflexo, de desacordo, de filiação – com os outros enunciados da esfera de comunicação discursiva à qual ele pertence. Por outro, ele suscita a atitude responsiva do outro locutor que se manifesta por meio de enunciados. Enfim, o estilo e os procedimentos composicionais do enunciado são condicionados pela resposta presumida do destinatário:⁴ seu grau de informação da situação,

suas opiniões, a extensão de seus conhecimentos especializados, etc.

Na leitura do trabalho sobre Dostoiévski, percebemos que é desse autor que Bakhtin apreende o grau máximo de dialogismo do homem e da linguagem. A obra de Dostoiévski é descrita como o paradigma máximo de manifestação do dialogismo e da palavra bivocal:

A cosmovisão dialógica, como vimos, prescreve toda a obra restante de Dostoiévski, a começar por Gente pobre. Por isto, a natureza dialógica do discurso manifesta-se nela com imenso vigor e sensibilidade marcante. O estudo metalingüístico dessa natureza, particularmente das múltiplas variedades do discurso bivocal e sua influência em diversos aspectos da construção do discurso, encontra nessa obra matéria excepcionalmente abundante. (1963/1997, p. 272)

Apesar de saídas privilegiadamente da análise da prosa literária de Dostoiévski, as relações dialógicas e, em especial, a palavra bivocal, enquanto objetos de estudo da metalingüística, são encaradas por Bakhtin como pertencentes às nossas práticas cotidianas, não se restringindo à literatura:

na prática cotidiana, ouvimos de modo muito sensível e sutil todas essas nuances nos discursos daqueles que nos rodeiam [...] Percebemos de modo muito sensível o mais ínfimo deslocamento da entonação, a mais leve descontinuidade de vozes no discurso cotidiano do outro, essencial para nós. Todas essas precauções verbais, ressalvas, evasivas, insinuações e ataques são registrados pelos nossos ouvidos e são familiares aos nossos próprios lábios. Daí ser ainda mais impressionante que até hoje não se tenha chegado a uma precisa interpretação teórica e a uma avaliação adequada de todas essas ocorrências. (1963/1997, p. 202)

Esses fenômenos, tanto da prosa literária quanto da ideologia do cotidiano, têm o seguinte traço comum: “aqui a palavra tem duplo sentido, voltado para o objeto do discurso enquanto palavra comum e para um outro discurso, para o discurso de um outro” (Bakhtin, 1963/1997, p. 185). A orientação em direção ao referente e em direção à palavra alheia dá a Bakhtin os meios de classificar os tipos de discurso: primeiro tipo, a palavra orientada exclusivamente para seu referente; segundo, a palavra objetificada ou a palavra de uma pessoa representada, isto é, as diversas variações do discurso citado; enfim, a palavra a duas vozes ou bivocal a orientações diversas, entre as quais encontramos três tipos: o discurso bivocal de

orientação única (estilização, narração do narrador, discurso não objetificado do herói-agente das idéias do autor, *Icherzählung*); o discurso bivocal de orientação vária (paródia, qualquer transmissão da palavra do outro com variação no acento, *Icherzählung* parodístico); tipo ativo ou discurso refletido do outro, no qual a palavra do outro influencia ativamente o discurso do autor (polêmica interna velada, autobiografia e confissão polemicamente refletidas, qualquer discurso que visa ao discurso do outro, réplica do diálogo, diálogo velado).

O último tipo ou a palavra bivocal, na fonte da noção de polifonia em Dostoiévski, é o objeto privilegiado do estudo de Bakhtin. Dito de outro modo, vemos nessa tipologia o privilégio concedido à palavra a duas vozes, ao mesmo tempo que incorpora o projeto da estilística de sua época (o primeiro tipo) e os fenômenos estudados por Volochinov na terceira parte de *Marxismo e filosofia da linguagem*. Em resumo, o projeto de Bakhtin de fundar uma metalingüística, parece-nos, é bem uma síntese dos fenômenos desenvolvidos desde os anos 20 por ele e os outros membros do círculo.

Do método sociológico ao método dialógico

A explicitação do projeto da metalingüística aparece somente nos textos das décadas de 50, 60 e 70, porém acreditamos que ele representa a síntese de um conjunto de trabalhos iniciados nos anos 20, sobretudo pelo que sabemos até o momento das obras de Medvedev, Volochinov e Bakhtin. A autoria disputada das obras *The formal method in literary scholarship* e *Marxismo e filosofia da linguagem* é, cada vez mais, atribuída respectivamente a Medvedev e a Volochinov.

No que diz respeito ao primeiro livro, Iurii Medvedev e Dar'ia Medvedeva (2004) afirmam: “O trabalho de Medvedev com a maior ressonância, não diminuída em nossos dias, é *The formal method in literary scholarship: a critical introduction to sociological poetics*, escrito em diálogo com Bakhtin.” (p. 43). Filho do autor, Iurii toma como certa a autoria de Medvedev. Em relação à segunda obra, a autoria de Volochinov é reforçada pela tradução, no livro *The Bakhtin circle: in the master's absence* (2004), de dois manuscritos de Volochinov que estão nitidamente na origem de *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trata-se de um resumo da tese defendida por Volochinov em 1929 e de um relatório de pesquisa, todos os dois achados no Instituto para a História Comparada das Literaturas de Línguas Orientais e Ocidentais em São Petesburgo, onde Volochinov trabalhou como

doutorando e pesquisador assalariado durante a segunda metade dos anos 20.

Apesar de esses livros terem sido escritos por autores diferentes, eslavistas – como Lähtenmäki (2005), Iurii Medvedev e Dar'ia Medvedeva (2004) – concordam que essas duas obras juntamente com “Problemas da obra de Dostoiévski” (1929) partilham a mesma concepção da linguagem e da produção discursiva. Outro dado nesse sentido é uma carta de 10 de janeiro de 1961 da autoria de Bakhtin, à qual tivemos acesso em francês:

Eu conheço bem os livros O método formal em crítica literária e Marxismo e filosofia da linguagem. Os defuntos V. N. Volochinov e P. N. Medvedev eram meus amigos; na época em que foram escritos esses livros, nós trabalhávamos em contato estreito. Mais ainda, na base desses livros e de meu trabalho sobre Dostoiévski se acha uma concepção comum da língua e da obra verbal. Desse ponto de vista, Vinogradov tem toda razão. Devo sublinhar que a existência de uma concepção comum e os contatos de trabalho não diminuem nem a autonomia, nem a originalidade de cada um desses livros. (Depretto, 1997, 190-191)

A tese de confluência não impede, porém, a mudança de enfoque entre os trabalhos do círculo da década de 20 e de Bakhtin das décadas de 50, 60 e 70. Encontramos uma formulação original e bem fundamentada da “permanência na mudança” na tese de doutorado de Geraldo Tadeu Souza (2002) *A construção da metalinguística (fragmentos de uma ciência da linguagem na obra de Bakhtin e seu círculo)*. A partir do cotejo de fragmentos de *Problemas da obra de Dostoiévski* (1929/2002, 2003) com o texto *Problemas da poética de Dostoiévski* (1963/1997) e da comparação desses trabalhos com *Marxismo e filosofia da linguagem*, Souza observa que a ênfase no método sociológico na década de 20 é substituída pelo privilégio ao “método dialógico” a partir da década de 50.

Apoiando-se na idéia de Volochinov (1929) de que a interação verbal (ou discursiva) é a realidade concreta da linguagem, Souza opera uma leitura de *Marxismo e filosofia da linguagem*, com o propósito de trazer a orientação dialógica para o primeiro plano em relação à explícita orientação sociológica da obra. Dessa metodologia de leitura, Souza conclui:

Na filosofia marxista da linguagem de Volochinov não é possível separar o ideológico do dialógico. O enunciado é produzido no interior da evolução da esfera ideológica real, como que uma sua compreensão ideologicamente ativa, uma resposta. (2002, p. 87)

Ou seja, o dialogismo contido na “compreensão ativa do enunciado concreto” atravessa todos os elementos constitutivos da proposta de Volochinov identificados por Souza: a situação concreta, os participantes, o gênero, o tema e o acento valorativo.

O confronto da obra *Problemas da obra de Dostoiévski* – POD⁵ (1929/2002) com *Problemas da poética de Dostoiévski* – PPD (1963/1997) é o momento crucial para a comprovação da passagem do método sociológico para o método dialógico, proposto por Souza, e para a comprovação de que Volochinov e Bakhtin compartilham a mesma concepção de linguagem e da sua análise na década de 20. As alterações decorrentes da reescrita e publicação do trabalho sobre Dostoiévski na década de 60 revelam a mudança de enfoque:

[...] a orientação da palavra entre as palavras, a sensação diversa provocada pela palavra do outro e pelos diferentes meios de reagir a ela, talvez constituam os problemas mais cruciais da sociologia do uso da linguagem, de qualquer tipo de uso da linguagem, inclusive o artístico. (POD, Bakhtin, 1929/2002, p. 509, grifos meus)

[...] a orientação da palavra entre palavras, as diferentes sensações da palavra do outro e os diversos meios de reagir diante dela são provavelmente os problemas mais candentes do estudo metalinguístico de toda palavra, inclusive da palavra artisticamente empregada. (PPD, Bakhtin, 1963/1997, p. 203, grifos meus)

Essa mudança se faz sentir ainda na presença da seguinte passagem da introdução de *Problemas da obra de Dostoiévski*:

A presente análise baseou-se na convicção de que toda obra literária é interna, imanentemente sócio-lógica. Nela se cruzam forças sociais vivas, avaliações sociais vivas penetram cada elemento da sua forma. Por isso a análise puramente formal deve tomar cada elemento da estrutura artística como ponto de vista da refração de forças sociais vivas, como um cristal artificial cujas facetas foram construídas e lapidadas a fim de refratar determinados raios de avaliações sociais, e refratá-los sob um determinado ângulo. (POD, 1929/2003c, p. 195-196, grifos meus)⁶

A orientação sociológica que ocupava o primeiro plano na década de 20 e era compartilhada por Bakhtin e Volochinov é suplantada pela orientação dialógica que predomina nos últimos trabalhos de Bakhtin. Souza salienta que não se trata propriamente da substituição de um enfoque por outro, mas de uma mudança de ênfase:

Num primeiro momento pensávamos que se tratava de uma passagem da orientação sociológica para a orientação dialógica, mas ao reler MFL em relação com o problema do diálogo, e os fragmentos de POD que tivemos acesso, o que nos pareceu é que, num primeiro momento, devido a circunstâncias históricas, a orientação sociológica foi para o título (MFL) ou introdução (POD) da obra, enquanto que o problema do diálogo atravessava, conjuntamente, todo o interior das duas obras.

A coexistência desse ângulo sociológico com um ângulo dialógico e a inversão da categoria do diálogo de segundo para primeiro plano levaram Bakhtin à própria criação de uma nova ciência da linguagem, cujo objeto são, exatamente, as relações dialógicas na comunicação dialógica do “homem com o homem”, do “enunciado no enunciado”. (Souza, 2002, p. 107)

As confluências entre as obras de Bakhtin e de Volochinov poderiam se estender ao tratamento à palavra alheia, como faz Souza, porém, para os nossos propósitos, acreditamos ter evidenciado as origens da metalingüística já na década de 20 e a sua mudança de enfoque nos trabalhos da última fase de vida de Bakhtin.

Conclusão

Constatamos a presença, nos textos das décadas de 50, 60 e 70, da elaboração de um programa de pesquisa designado com o nome de metalingüística por Bakhtin e que tem por objeto de estudo as relações dialógicas e a palavra bivocal. Essas relações dialógicas são de natureza axiológico-semântica, ocorrem entre enunciados e também no interior de um mesmo enunciado. A delimitação da metalingüística se faz na oposição complementar à lingüística saussureana, à qual Bakhtin revela respeito, conhecimento de seu método de estudo – a abstração do contexto do enunciado, transformando-o em frase – e a hipótese de que o conhecimento das unidades da comunicação discursiva proporcionaria uma melhor compreensão das unidades da língua.

As noções envolvidas neste projeto, bem como o campo de fenômenos a estudar, constituem uma síntese e um aprofundamento de trabalhos elaborados pelos membros do círculo, em especial pelo que se tem conhecimento de textos de Medvedev, Volochinov e Bakhtin, desde a década de 20, momento no qual o contexto acadêmico soviético era desfavorável à proposição de uma ciência dialógica da linguagem e mais propício a uma filosofia marxista, conforme aponta Ivanova (2003) e postula Souza (2002).

Por fim, a proposição da metalingüística tem suas origens nos trabalhos de Bakhtin e seu círculo sobre obras literárias, o que pode levar à conclusão de que o projeto

do círculo se restringe a elas. Essas origens, porém, permitiram ao círculo vislumbrar, conforme demonstramos, um conjunto de fenômenos que não se confinam aos enunciados da esfera literária.

Notas

- ¹ Este artigo integra-se ao projeto “A circulação do conhecimento na divulgação científica” (CNPq 401573/2004-4), coordenado pela professora dra. Sheila Vieira de Camargo Grillo. O foco principal do projeto é a descrição e a interpretação de procedimentos discursivos de transmissão de saberes científicos ao público de não-especialistas, presentes em diferentes gêneros e esferas.
- ² Todorov (1981) esclarece que o termo “metalingüística” será traduzido em francês por “translingüística”, a fim de evitar confusões terminológicas. Acrescenta, ainda, que esse termo corresponderia à expressão “pragmática”, da qual Bakhtin seria o fundador. Nas traduções de diferentes línguas, podemos encontrar ora o termo metalingüística (inglês, português) ora translingüística (francês, espanhol, português).
- ³ Nos textos de Bakhtin das décadas de 50 e 70, o termo “texto” aparece ora como sinônimo de enunciado, ou seja, uma unidade da comunicação discursiva passível de ser analisada pela metalingüística, ora como distinto dele: “O enunciado enquanto totalidade não se presta a uma definição nos termos da lingüística (e da semiótica). O termo ‘texto’ não corresponde de maneira nenhuma à essência do conjunto todo do enunciado” (1970-1971/2003d, p. 371)
- ⁴ Brandist (2004) defende a influência de Kal Bühler (1879-1963) – psicólogo e psiquiatra alemão, membro da Escola de Würzburg de Psicologia – sobre a teoria do enunciado em Volochinov e sobre o desenvolvimento da teoria do dialogismo em Bakhtin: “Bühler emendou a descrição de Marty sobre o ‘desencadeador’, para argumentar que o que foi antecipado não foram sempre certos processos mentais no receptor, mas freqüentemente as ações que ele ou ela podem desempenhar. Isso limita o ‘desencadeador’ e o ‘direcionamento’ da resposta antecipada, isto é, a regulação recíproca, no enunciado em si, algo que mais tarde foi criativamente elaborado por Bakhtin na sua descrição das relações dialógicas” (p. 104-105).
- ⁵ Este fragmento de *Problemas da obra de Dostoiévski* (1929) foi encontrado na antologia “Teoria da literatura em suas fontes”, de Luiz da Costa Lima (2002), com base em indicações da tese de Geraldo Sousa (2002).

⁶ Este fragmento foi retirado da seção “A respeito de *Problemas da obra de Dostoiévski*” presente no livro *Estética da criação verbal* (Bakhtin, 2003c, p. 193-201).

Referências

- ALPANOV, V. The Bakhtin circle and the problems in linguistics. In: SHEPERD, David; TIKHANOV, Galin; BRANDIST, Craig. (Ed.). *The Bakhtin circle: In the master's absence*. UK: Manchester University Press, 2004. p. 70-96.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- _____. A tipologia do discurso na prosa. Trad. Luiza Lobo. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 1, p. 487-510. [1929].
- _____. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003a. p. 261-306.
- _____. O problema do texto na lingüística, na filologia e em outras ciências humanas. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003b. p. 307-336.
- _____. A respeito de *Problemas da obra de Dostoiévski*. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003c. p. 195-204.
- _____. Apontamentos de 1970-1971. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003d. p. 367-392.
- _____. Metodologia das ciências humanas. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003e. p. 393-41. [1974].
- BAKHTIN, M. M.; MEDVEDEV, P. N. *The formal method in literary scholarship: a critical introduction to sociological poetics*. Trad. A. J. Wehrle. Baltimore; London: Johns Hopkins Press, 1991.
- BAKHTIN, M. M.; VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BEZERRA, Paulo. Introdução. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. Ix-xii.
- BRANDIST, Craig. Voloshinov's dilemma: on the philosophical roots of the dialogical theory of the utterance. In: SHEPERD, David; TIKHANOV, Galin; BRANDIST, Craig. (Ed.). *The Bakhtin circle: in the master's absence*. UK: Manchester University Press, 2004. p. 97-124.
- DEPREITTO, Catherine (Dir.). *L'héritage de Bakhtine*. Bordeaux: PUB, 1997.
- GRUBEL, Rainer. La philosophie de la communication créative de Bakhtine et les problèmes de sa réception. In: ZBINDEN, Karine, HENKING; Irene Weber (Dir.). *La quadrature du cercle Bakhtine: traductions, influences et remises en contexte*. Lausanne: Centre de Traduction Littéraire, 2005. p. 63-124.
- IVANOVA, I. Le dialogue dans la linguistique soviétique des années 1920-1930. In: SERIOT, Patrick (Ed.). *Le discours sur la langue en URSS à l'époque stalinienne (épistémologie, philosophie, idéologie)*. *Cahiers de l'ILSL*, Lausanne: UNIL, n. 14, p. 157-182, 2003.
- LÄHTEENMÄKI, Mika. De l'interprétation des idées linguistiques de Bakhtine: le problème des textes des années 50 et 60. In: ZBINDEN, Karine; HENKING, Irene Weber (Dir.). *La quadrature du cercle Bakhtine: traductions, influences et remises en contexte*. Lausanne: Centre de Traduction Littéraire, 2005. p. 169-202.
- MEDVEDEV, Iurii; MEDVEDEVA, Dar'ia. The scholarly legacy of Pavel Medvedev in the light of his dialogue with Bakhtin. In: SHEPERD, David; TIKHANOV, Galin; BRANDIST, Craig. (Ed.). *The Bakhtin circle: in the master's absence*. UK: Manchester University Press, 2004. p. 24-43.
- MILNER, Jean-Claude. *Introduction à une science du langage*. Paris: Seuil, 1989.
- SHEPERD, David; TIKHANOV, Galin; BRANDIST, Craig. (Ed.). *The Bakhtin circle: in the master's absence*. UK: Manchester University Press, 2004.
- SOUZA, Geraldo Tadeu de. *A construção da metalingüística (fragmentos de uma ciência da linguagem na obra de Bakhtin e seu círculo)*. 2002. 175 p. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- TODOROV, Tzvetan. *Mikhail Bakhtine: le principe dialogique*. Suivi de *Écrits du Cercle de Bakhtine*. Paris: Seuil, 1981.

Sobre a autora:

Sheila Vieira de Camargo Grillo é professora, pesquisadora e orientadora na área de Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo. É doutora em Linguística pela mesma universidade e pós-doutora pela Universidade de Paris X-Nanterre, atuando como pesquisadora associada no Laboratório Modyco (Modeles, Dynamiques, Corpus) – CNRS – Paris X.